

A TRANSGRESSÃO DE JÚLIA MANN: O VALOR DA MULHER NA TRADIÇÃO PATRIARCAL

Jêssyka Silva CARDOSO*
Marcio Jean Fialho de SOUSA**

- **RESUMO:** No século XIX, as mulheres enfrentaram inúmeros desafios e restrições em uma sociedade patriarcal e machista, onde seus papéis eram rigidamente definidos e suas contribuições, frequentemente, subestimadas. Em *O Regresso de Júlia Mann a Paraty* (2021), Teolinda Gersão destaca uma figura notável desse período. Júlia Mann confrontou as normas sociais e reivindicou o seu valor, contrariando as expectativas convencionais da sociedade alemã. Este artigo pretende evidenciar a capacidade das mulheres de desafiar normas sociais opressivas, tendo como exemplo a figura de Júlia Mann; analisar o valor da mulher em uma sociedade patriarcal e investigar como Júlia transgrediu as normas sociais, contribuindo para a reconstrução de valores relacionados ao papel da mulher. A metodologia adotada é de natureza bibliográfica, analítica e crítico-teórica, com análise da obra literária *O Regresso de Júlia Mann a Paraty* (2021); e para compreender a trajetória de Júlia Mann e as ideias predominantes sobre a mulher em uma sociedade patriarcal serão utilizados autores como: Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (2005), Raymond Williams (2011), Heleith Saffioti (2015), Gerda Lerner (2019) e Annabela Rita e Miguel Real (2021). As ações de Júlia Mann ressaltam a importância de reconhecer e valorizar as contribuições femininas; servindo como inspiração para a luta pela valorização e empoderamento das mulheres, na sociedade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Teolinda Gersão. *O Regresso de Júlia Mann a Paraty*. Transgressão. Patriarcalismo. Contribuições Femininas.

Introdução

O livro *O Regresso de Júlia Mann a Paraty (ORJP)*, da escritora portuguesa Teolinda Gersão, é um romance dividido em três capítulos com narrativas indepen-

* UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros – Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários–PPGL. Montes Claros – MG – Brasil. 39401-089 – g.kardoso12@gmail.com

** UFVJM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Departamento de Letras. Diamantina – MG – Brasil. 39000-100 – pcpomarciojean@gmail.com

dentos. Nesse artigo será analisado o terceiro capítulo, que compartilha o mesmo título do livro. A narrativa traz a vida de Júlia Mann, uma figura marcante. Filha de um pai alemão e uma mãe brasileira, nasceu na cidade de Paraty no Rio de Janeiro, Brasil. Aos sete anos de idade, devido a morte de sua mãe, ela e seus irmãos foram levados pelo pai para a Alemanha. A esperança de Júlia Mann era voltar ao Brasil, mas o pai decidiu deixá-los na Alemanha, sob os cuidados da família paterna. Inicialmente, viveram na casa da avó paterna, mas depois foram enviados para um colégio interno a fim de receberem educação.

Com o passar do tempo, os irmãos de Júlia retornaram ao Brasil, deixando-a com sua única irmã, Maria, na Alemanha, sem a possibilidade de regressar. Júlia Mann, por ser brasileira, enfrentou xenofobia e foi proibida de falar sua língua e relembrar o Brasil, no entanto, resistiu bravamente. “Queriam forçá-la a esquecer esse mundo, como se devesse envergonhar-se dele. Mas ela não queria esquecê-lo. Achava-o muito superior. [...]” (Gersão, 2021, p. 90). Mesmo com toda a imposição para que esquecesse suas características brasileiras, ela nutriu sua paixão pelo Brasil durante toda sua vida. Além de lutar pela preservação de sua cultura, Júlia Mann dedicava-se à escrita, à música e ao amor; ela desafiava as convenções. Conforme Annabela Rita e Miguel Real (2021, p. 41), a mulher na obra ficcional de Gersão é feita de rebeldia e transgressão.

As mulheres frequentemente foram relegadas a posições secundárias, suas vozes, ideias e contribuições foram subestimadas e silenciadas (Lerner, 2019, p. 296). No entanto, ao longo do tempo, surgiram figuras femininas que ousaram transgredir essas normas e se destacaram por seu intelecto, talento e coragem em enfrentar as barreiras impostas pela tradição patriarcal. Esse é um exemplo que Gersão apresenta com a personagem Júlia Mann, uma mulher cuja trajetória desafiou as convenções de sua época, possibilitando refletir sobre o lugar da mulher na tradição. Conforme Annabela Rita e Miguel Real (2021, p. 43), Gersão estabelece um universo interno de personagens que transcende a lógica da realidade em uma lógica da consciência, a qual, fielmente representa a realidade social.

Este artigo tem como objetivo analisar o valor, tradicionalmente, atribuído à mulher na sociedade e como Júlia Mann ousou romper as expectativas e desafiar as normas sociais, contribuindo para a redefinição dos valores associados ao papel feminino. O estudo visa compreender a relevância do pensamento de Júlia Mann no contexto contemporâneo, evidenciando a necessidade contínua de desconstruir estereótipos de gênero e promover a igualdade de oportunidades para as mulheres.

Explorar o papel histórico e atual da mulher na sociedade, especialmente em relação às formas de resistência e superação de barreiras impostas pela tradição é muito relevante para encorajar outras mulheres a transcenderem as limitações impostas pela cultura dominante (Lerner, 2019, p. 311). A figura de Júlia Mann, como uma mulher que viveu em uma época conservadora, mas que ousou se destacar intelectualmente e buscar seu espaço, oferece uma rica fonte de inspiração

e aprendizado para os dias atuais. Este estudo pode contribuir para o fortalecimento da luta por igualdade de gênero, estimulando reflexões sobre as mudanças sociais e culturais em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva.

A metodologia adotada para a análise desse tema consistiu em pesquisa bibliográfica, analítica e crítico-teórica. Inicialmente, foi realizada a leitura crítica do romance, identificando fragmentos em que Júlia Mann confronta os padrões da época. Sendo realizada a análise interpretativa do valor da mulher na tradição patriarcal e das contribuições de Júlia Mann para romper com esse paradigma. O objetivo é contextualizar a relevância da figura de Júlia Mann para o presente e entender como suas ações transgressoras podem influenciá-lo. O aporte teórico é composto por autores como: Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (2005), Raymond Williams (2011), Heleieth Saffioti (2015), Gerda Lerner (2019) e Annabela Rita e Miguel Real (2021).

A trajetória de Júlia Mann revela o tratamento depreciativo ao qual as mulheres eram submetidas. Mesmo atualmente, muitas mulheres continuam enfrentando desigualdades sociais, salariais e culturais, sendo diminuídas e subestimadas simplesmente por ser mulheres (Rodrigues *et al.*, 2020, p. 2). Portanto, é fundamental que a sociedade mantenha seus esforços na promoção da conscientização e na mudança de mentalidade, a fim de assegurar que todas as mulheres possam transcender suas tradições e desempenhar papéis significativos em suas comunidades e no mundo. A busca por uma sociedade mais justa e igualitária é um compromisso coletivo que requer o esforço de todos. Somente através do respeito mútuo, da valorização das capacidades individuais e do reconhecimento da importância das mulheres em todas as esferas da vida, poderemos construir um futuro mais inclusivo para todos.

A mulher e a tradição patriarcal: restrições e estereótipos

Ao longo da história, a mulher tem sido afetada profundamente pela tradição patriarcal que permeia muitas sociedades ao redor do mundo. Essa estrutura social, baseada na predominância do homem como figura de autoridade e poder, resultou em desigualdades de gênero significativas ao longo dos tempos (Rodrigues *et al.*, 2020, p. 2). Na tradição patriarcal, a mulher frequentemente foi relegada a papéis secundários, limitando suas oportunidades de educação, participação política e ascensão profissional (Macedo e Amaral, 2015, p. 145). Apesar dos avanços em direção à igualdade de gênero, muitas mulheres ainda enfrentam barreiras sociais e culturais que perpetuam a desigualdade e reforçam estereótipos prejudiciais.

Na cultura patriarcal, a divisão tradicional de gêneros é enfatizada, com expectativas rígidas sobre comportamentos, papéis e responsabilidades de homens e mulheres. A objetificação das mulheres, a perpetuação de estereótipos de gênero e a desvalorização do trabalho feminino são alguns dos efeitos negativos dessa estru-

tura. É uma estrutura de poder fundamentada tanto na ideologia, quanto na violência (Saffioti, 2015, p. 60). Essa dinâmica de poder desigual também pode levar a problemas como a violência doméstica, a discriminação no ambiente de trabalho e a restrição do acesso das mulheres à educação e oportunidades de desenvolvimento, sendo que o patriarcado é um regime no qual os homens dominam e exploram as mulheres (Saffioti, 2015, p. 31-36). Desafiar e transformar a cultura patriarcal requer esforços contínuos para promover a igualdade de gênero, desconstruir normas prejudiciais e promover uma sociedade mais inclusiva e justa para todos.

Cultura, segundo Raymond Williams (2011, p. 7), não é apenas um conjunto de manifestações artísticas ou expressões intelectuais, mas sim um sistema de significados e práticas compartilhadas por uma sociedade em um determinado contexto histórico. Por isso é necessário compreender a cultura como um processo vivo e em constante transformação, moldado pelas relações sociais e históricas. Nesse sentido, o lugar tradicional da mulher na sociedade é resultado de processos culturais que foram sendo consolidados ao longo do tempo, em um intrincado entrelaçamento entre valores, crenças, instituições e relações de poder. As representações de gênero, bem como as expectativas e restrições impostas às mulheres, são construções sociais e históricas profundamente enraizadas, como é possível ver em *ORJP*, que a sociedade havia definido um comportamento para as mulheres:

Havia assim em Julia algo de aberrante para a sociedade alemã, patriarcal, puritana e burguesa, onde a sexualidade feminina devia ser escondida, em lugar de assumida com naturalidade: a natureza, desordenada e selvagem, tinha de ser domada pela educação e cultura.

A própria musicalidade que lhe reconheciam impressionava-os negativamente, não só porque o tempo excessivo que passava ao piano era roubado aos deveres domésticos, mas porque para ela a música estava associada a dança, a interação dos corpos que rodopiavam com visível prazer, enlaçados e a compasso.

Ela era portanto perigosa para a ordem social e as famílias: A qualquer momento podia resvalar para excessos, boémia ou devassidão. (Gersão, 2021, p. 100).

As restrições e estereótipos atribuídos às mulheres são produtos desses processos culturais que contribuíram para a criação de uma imagem idealizada e limitada do que se espera que uma mulher seja (Rodrigues *et al.*, 2020, p. 3). Desde os primórdios da história, a cultura patriarcal moldou as visões sobre feminilidade e masculinidade, colocando as mulheres em uma posição subordinada e desvalorizada em relação aos homens (Rodrigues *et.al*, 2020, p. 3). Essa construção cultural contribuiu para a perpetuação de um sistema de desigualdades de gênero, no qual as mulheres foram relegadas a papéis específicos, como o de cuidadoras e donas

de casa. Isso levou muitas vezes as mulheres a aceitarem o lugar que lhes foi designado e a reproduzirem padrões de comportamento que observaram em outras mulheres:

Para as mulheres alemãs a situação era na verdade a mesma, mas talvez elas não se sentissem tão presas e amordaçadas de sua casa e do seu corpo. Viviam como tinham visto viver as suas avós e bisavós, eram uma corrente sem fim de mulheres suspensas nos quadros a óleo da parede, que se reflectiam nos espelhos entre jarras de flores, imóveis como se estivessem mortas. (Gersão, 2021, p. 106).

As mulheres frequentemente se sentem pressionadas a se adequar a ideais de beleza inatingíveis e a abraçar papéis predefinidos de submissão e cuidado, limitando a liberdade de escolha e autoafirmação. Aquelas que desafiam essas normas são constantemente estigmatizadas ou punidas, perpetuando um ciclo de opressão e repressão como no caso de Júlia Mann, que por fugir ao padrão, era julgada e depreciada. Para Sandra Sousa (2022, p. 37), Júlia reflete esses aspectos quando finalmente alcança a consciência para perceber sua castração, não apenas como mulher, mas também como mulher nascida em um país considerado “exótico”, com uma mãe que possui herança indígena.

Raymond Williams (2011, p. 332) argumenta que a cultura é uma arena de lutas e negociações, onde diferentes grupos sociais têm a capacidade de contestar e remodelar significados e práticas. Assim, ao longo da história, vemos movimentos feministas e outras vozes dissidentes que desafiaram os estereótipos e restrições tradicionais impostas às mulheres. Através dessas lutas culturais, houve avanços significativos em direção a uma maior igualdade de gênero, com mulheres conquistando direitos e oportunidades antes negados (Saffioti, 2015, p. 44). A luta pelo direito ao voto, as mudanças nas leis de propriedade e trabalho, bem como o acesso à educação e ao mercado de trabalho, são exemplos de transformações culturais e históricas que contribuíram para dismantelar parte das restrições e estereótipos impostos às mulheres (Gonçalves, 2021, p. 13).

No entanto, mesmo com esses avanços, a cultura ainda carrega marcas profundas da tradição patriarcal, e as desigualdades de gênero persistem em diversas esferas da sociedade. A compreensão de Raymond Williams (2011, p. 334), de que novos significados e valores; novas práticas, sentidos e experiências são criados continuamente na cultura, expõe que a luta pela igualdade de gênero deve ser contínua e demanda uma conscientização constante sobre as raízes culturais que ainda sustentam as restrições e estereótipos de gênero. Essa reflexão é um incentivo a questionar as construções culturais que perpetuam as desigualdades de gênero, e buscar meios para uma cultura que valorize a igualdade, a diversidade e o respeito às escolhas individuais das mulheres. A história cultural da mulher é um lembrete de que a cultura deve ser transformada, abrindo caminho para uma sociedade mais inclusiva e igualitária para todos.

A transgressão de Júlia Mann: o valor da mulher na tradição patriarcal

A figura de Júlia Mann se destaca como uma mulher que viveu em uma época profundamente marcada pela tradição patriarcal, uma sociedade na qual as mulheres eram restringidas a papéis subordinados e limitadas em suas aspirações e realizações pessoais. Foi obrigada pela família a adequar-se ao padrão alemão. Tornou-se protestante; não podia mais falar sua língua materna, teve de ocultar sua origem. “A vida anterior devia ser esquecida, como se não tivesse interesse nem valor.” (Gersão, 2021 p. 83). Ela devia se encaixar, todavia, enfrentou as restrições e expectativas impostas pela sociedade:

Aparentemente resignava-se, porque não tinha alternativa. Contudo, uma parte dela resistia:

Fazia questão de manter da Silva no seu nome, Júlia da Silva Bruhns, e não apenas, como às vezes lhe chamavam, Júlia Bruhns. E sublinhava a sua diferença escurecendo o cabelo com óleo, embora, com o tempo, ele se tivesse já tornado mais escuro. (Gersão, 2021, p. 90).

Intimamente, ela resistia para que sua essência permanecesse, sua vida foi marcada por uma determinação incomum em desafiar tais normas e buscar seu espaço no mundo intelectual e cultural. Desde jovem, Júlia Mann demonstrou uma mente inquisitiva e uma paixão pela música e a escrita. Escreveu contos, notas, diários, cartas; tocava piano e cantava; dançava e tinha o sonho de ser atriz. Contudo, todo o seu lado artístico escandalizava a sociedade, afinal, uma mulher não podia chamar tanta atenção, devia ser contida e discreta. E mesmo com toda a repressão, ela passou as suas paixões para três de seus cinco filhos. Heinrich e Thomas se tornaram escritores e Carla ambicionou a carreira de atriz.

Casada com o comerciante alemão Thomas Johann Heinrich Mann, Júlia percebeu depois de um tempo que a sua união matrimonial era mais uma transação comercial:

Fizera um casamento de conveniência, motivado por um dote compensador. Tudo o que desejava era que ela zelasse pelos móveis e objectos, organizasse com economia os serviços domésticos, resolvendo sem o incomodar problemas de empregadas, preceptores e cozinheiras, supervisionasse a educação social e escolar das crianças, e fosse uma boa anfitriã nas recepções e Jantares. (Gersão, 2021, p. 98).

Ela deveria exercer o papel de organizar o lar e cuidar dos filhos e seu esposo cuidaria das finanças e daria prestígio para ela, tendo em vista que por ser mestiça, seria sempre inferiorizada, ainda que fosse muito bonita e inteligente. Era uma

troca, prevista no código social, um casamento vantajoso, organizado pelo pai de Júlia, que pagou um grande dote a Johann. O que depois ela percebe como uma repetição de padrão:

Pela primeira vez, via tudo muito claro. O padrão repetia-se, e era sempre o mesmo:

O seu pai, por exemplo, partira para o Brasil em busca de uma fortuna que em Lübeck não tinha. E, com a sua ascendência de comerciantes, nascido numa cidade e num país de comerciantes, possuía apuradíssimo faro para os meandros e subtilezas dos mercados, e tivera artes de comprar uma noiva com o dinheiro **dela**. (Gersão, 2021, p. 106, grifo do autor).

Esse fragmento evidencia a maneira como as estruturas patriarcais e o sistema de dotes moldavam a vida das mulheres na sociedade da época e, para Heleieth Saffiotti (2015, p. 57), o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo. Júlia Mann, assim como a sua mãe, se encontra aprisionada em um cenário em que suas aspirações e sonhos são suprimidos em prol dos interesses de seus pais e maridos. A troca comercial do casamento, representada pelo dote, reforça a ideia de que as mulheres eram vistas como meras mercadorias, cujo valor estava atrelado ao dinheiro e aos bens que poderiam ser oferecidos em um casamento vantajoso (Lerner, 2019, p. 292). A conscientização desse padrão repetitivo leva Júlia a questionar sua própria identidade e papel na sociedade, buscando compreender como suas escolhas e desejos foram negligenciados em favor de uma conformidade social arraigada.

E quanto ganhara o seu marido, Thomas Johann Heinrich Mann, com a aquisição dela, Júlia? Quanto valia, no leilão da sociedade de Lübeck, uma bela jovem de dezassete anos, devidamente domesticada, ensinada, treinada, rebaptizada protestante e o mais possível transformada em alemã casadoira, com os atributos necessários para dona de casa, anfitriã, esposa e mãe competente, e além do mais, portadora de um dote irrecusável?

Fora vendida e comprada para as funções domésticas que desempenhava, mas ela mesma, Julia, nunca estivera à venda. Os seus sentimentos, desejos, escolhas e direitos, também não.

E quanto valiam? Nada, absolutamente nada. Nem sequer deviam existir, e talvez nem existissem, tal como, aparentemente, também ela não existia. (Gersão, 2021, p. 106).

A vida de Júlia, assim como a de muitas outras mulheres, foi decidida pelos patriarcas, e seus sentimentos, desejos, escolhas e direitos foram ignorados e negados e, conforme Gerda Lerner (2019, p. 297), a mulher na cultura patriarcal

deixa de ser propriedade do pai e passa a ser do marido, como se apenas mudasse de dono, devendo assim obediência e submissão a figura masculina. Por se encontrarem presas a um papel pré-determinado na sociedade, em que o valor feminino é medido apenas pelo que pode oferecer ao marido e à família, e não por quem são como indivíduos. Seu valor é reduzido a nada, como se seus próprios desejos e identidade não tivessem importância.

É possível observar ainda essa ideia de mulher como uma moeda, quando o pai de Júlia consente com o casamento de sua outra filha. Maria, casa-se com um rapaz de riqueza inferior e que não tem tanto renome, pois o seu pai considerava que sua beleza e capacidade eram insuficientes para exigir algo mais; diferente de Júlia, com quem ele tinha ambições maiores. Essa situação ilustra com ainda mais clareza as injustiças e desigualdades enfrentadas pelas mulheres no contexto patriarcal, em que a autonomia feminina é suprimida em prol dos interesses e desejos masculinos.

As mulheres eram silenciadas, presas, mas Júlia recusava-se a seguir esses modelos. “Ela era o centro das atenções, o que não agradava às outras mulheres, e desagradava profundamente ao seu marido.” (Gersão, 2021, p. 98). Ela era expansiva e diferente das outras mulheres, que acatavam as ordens sem oposição, ou questionamentos. A liberdade agradava-lhe e esse desejo de ter uma vida diferente, fez com que ela tivesse um caso extraconjugal. Desse breve relacionamento com um aristocrata polaco nasceu Viktor. “Sempre procuraria outro homem e outra vida, não estava satisfeita com a sua, nem via no adultério o maior dos crimes, ao contrário dos romances e da sociedade, que perseguiram as adúlteras com violência implacável, frequentemente até a morte.” (Gersão, 2021, p. 105).

Júlia Mann não se culpava por ter traído seu esposo; ao contrário, sua inquietação residia no fato de que o adultério masculino não era tratado com o mesmo rigor. Se uma mulher fosse pega em adultério não haveria perdão para ela, estaria totalmente arruinada. “No entanto, o adultério masculino não só merecia sanções, como nem era mal visto, mas antes tolerado, ou mesmo aplaudido. Se as vítimas dos maridos infiéis fossem abatidas, quantas mulheres casadas ainda estariam vivas?” (Gersão, 2021, p. 105). Ao contrário do que era disseminado culturalmente, os homens não eram as vítimas nesses casos de adultério. A desigualdade de gênero é claramente evidenciada na forma como as transgressões conjugais eram tratadas pela sociedade.

Enquanto uma mulher que fosse pega em adultério seria totalmente arruinada, condenada ao ostracismo social e moral, os homens infiéis não só escapavam impunes, mas muitas vezes eram admirados e enaltecidos por suas conquistas amorosas extraconjugais. Essa dupla moral reforçava o poder e controle masculino sobre as mulheres, perpetuando a visão de que o casamento e a fidelidade eram questões que diziam respeito apenas às esposas, enquanto os maridos tinham liberdade para se comportar como quisessem, sem enfrentar consequências sérias.

Essa disparidade de tratamento demonstra a necessidade urgente de questionar e desconstruir padrões culturais que perpetuam a desigualdade de gênero.

Ainda que tenha se submetido a muitas imposições, a história de Júlia reflete a necessidade de questionar e transformar essas estruturas opressivas, permitindo que as mulheres sejam valorizadas e respeitadas por sua individualidade e poder de escolha. Além disso, evidencia a importância da luta contínua pelos direitos das mulheres, para que não sejam mais vistas como meras propriedades, mas como seres humanos plenos de direitos e liberdade. É fundamental que a sociedade reconheça a importância de dar voz às mulheres, proporcionando-lhes oportunidades iguais de desenvolvimento pessoal, profissional e intelectual. É preciso desconstruir os estereótipos de gênero e incentivar a autonomia e a autenticidade das mulheres, garantindo que elas possam fazer suas próprias escolhas, sem julgamentos ou limitações por normas sociais obsoletas.

Desigualdades de gênero persistem: desafios e responsabilidades

Embora tenham sido alcançados avanços significativos nas últimas décadas em relação aos direitos das mulheres e à igualdade de gênero, é inegável que as desigualdades de gênero ainda persistem na sociedade contemporânea. No mundo atual, essas desigualdades se manifestam de diversas formas. Uma das áreas em que é mais evidente é o mercado de trabalho, tendo em vista que as mulheres ainda enfrentam disparidades salariais em relação aos homens, mesmo ocupando as mesmas posições e possuindo as mesmas qualificações (Gonçalves, 2021, p. 27). Além disso, é comum encontrar mulheres sub-representadas em cargos de liderança e em setores historicamente dominados por homens, o que reflete as barreiras e estereótipos de gênero que ainda existem no ambiente profissional.

Outro aspecto importante é a divisão desproporcional do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos. As mulheres, muitas vezes, são sobrecarregadas com as responsabilidades domésticas e de cuidado, enquanto os homens têm maior liberdade para dedicarem-se à carreira e interesses pessoais (Macedo e Amaral, 2015, p. 145). Essa divisão desequilibrada do trabalho não remunerado contribui para perpetuar as desigualdades de gênero, uma vez que limita o tempo e as oportunidades das mulheres para buscar suas aspirações profissionais e pessoais. As mulheres ainda enfrentam desafios no acesso à educação em muitas partes do mundo (Lerner, 2019, p. 304). A falta de acesso à educação de qualidade limita as oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional das mulheres.

Promover a mudança em busca de uma sociedade mais igualitária e justa requer enfrentar diversos desafios e assumir responsabilidades tanto individuais quanto coletivas. Um dos principais desafios é desconstruir os padrões culturais arraigados que perpetuam as desigualdades e estereótipos de gênero. Isso envolve a desmontagem das formas de poder simbólico; questionar as normas sociais que

limitam o papel das mulheres e reforçam papéis de gênero rígidos e prejudiciais (Macedo e Amaral, 2015, p. 88). Promover a mudança requer que cada indivíduo assuma a responsabilidade de combater essas desigualdades, engajando-se ativamente em desafiar os estereótipos, respeitar a autonomia e as escolhas individuais, e agir em solidariedade com as causas femininas.

Considerações finais

Em busca de um futuro mais igualitário, é imperativo que a sociedade continue a enfrentar os desafios relacionados às desigualdades de gênero. A conscientização sobre as questões de gênero e a compreensão das complexas formas em que as desigualdades se manifestam são essenciais para conduzir ações efetivas de mudança. Isso envolve não apenas reconhecer os problemas existentes, mas também criar um ambiente favorável para discussões abertas e inclusivas sobre a igualdade de gênero.

Um fator-chave para a construção de um futuro mais igualitário é a promoção da equidade de oportunidades. Isso requer a implementação de políticas e ações afirmativas que visem a eliminar as barreiras que impedem o acesso das mulheres a educação, saúde, emprego e representação política. Além disso, é primordial incentivar a participação das mulheres em todas as áreas da sociedade, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e suas perspectivas sejam valorizadas. A trajetória de Júlia Mann mostra que a luta pela igualdade de gênero é um processo contínuo e desafiador. Ela desafiou a tradição e buscou seu lugar no mundo. Sua história destaca a importância de valorizar e encorajar o potencial das mulheres, superando estereótipos e preconceitos.

A busca por uma sociedade mais justa e igualitária é um compromisso coletivo que requer o esforço de todos. Somente através do respeito mútuo, da valorização das capacidades individuais e do reconhecimento da importância das mulheres em todas as esferas da vida, pode-se construir um futuro mais inclusivo e próspero para todos. A história de Júlia Mann mostra que a transgressão de normas e a busca pela igualdade de gênero são essenciais para quebrar as barreiras da tradição e abrir caminho para um mundo mais justo e equitativo. Assim, é essencial continuar a busca pela plena participação e reconhecimento das mulheres em todas as esferas da sociedade, reafirmando sua importância e contribuições inestimáveis para a construção de um futuro mais igualitário e inclusivo.

CARDOSO, J. S., SOUSA, M. J. F. de. The Transgression of Júlia Mann: The Value of Women in Patriarchal Tradition. **Itinerários**, Araraquara, n. 59, v. 2, p. 97-108, jul./dez. 2024.

- **ABSTRACT:** *In the 19th century, women faced numerous challenges and restrictions in a patriarchal and male-dominated society, where their roles were rigidly defined and their contributions often underestimated. In *The Return of Júlia Mann to Paraty* (2021), Teolinda Gersão highlights a remarkable figure from this period. Júlia Mann confronted social norms and asserted her worth, defying the conventional expectations of German society. This article aims to highlight women's ability to challenge oppressive social norms, using Júlia Mann as an example; to analyze the value of women in a patriarchal society; and to investigate how Júlia transgressed social norms, contributing to the reconstruction of values related to women's roles. The methodology adopted is bibliographic, analytical, and critical-theoretical in nature, with an analysis of the literary work *The Return of Júlia Mann to Paraty* (2021). To understand Júlia Mann's trajectory and the prevailing ideas about women in a patriarchal society, authors such as Ana Gabriela Macedo and Ana Luísa Amaral (2005), Raymond Williams (2011), Heleieth Saffioti (2015), Gerda Lerner (2019), and Annabela Rita and Miguel Real (2021) will be used. Júlia Mann's actions highlight the importance of recognizing and valuing female contributions, serving as an inspiration for the fight for women's recognition and empowerment in society.*
- **KEYWORDS:** *Teolinda Gersão. The Return of Júlia Mann to Paraty. Transgression. Patriarchy. Female Contributions.*

REFERÊNCIAS

LIVRO:

- GERSÃO, Teolinda. **O regresso de Júlia Mann a Paraty**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.
- MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Editora Afrontamento e autoras, 2005.
- RITA, Anabela; REAL, Miguel. **O essencial sobre Teolinda Gersão**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2021.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DISSERTAÇÃO E TESE:

GONÇALVES, Maíra. **A dificuldade de inserção da mulher no mercado de trabalho: uma análise do patriarcado e o princípio da igualdade de gêneros.** 2021. 33 f. Dissertação (Bacharelado em Direito), Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15784>. Acesso em 01 de agosto de 2023.

ARTIGO DE PERIÓDICO:

RODRIGUES, Annelise Oliveira; REIS, Bruna Rafaela Nascimento dos; CARVALHO, Jaqueline. Quadrado. A Influência da Sociedade Patriarcal na Identidade Feminina. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, Santana do Livramento, v. 10, n. 2, 3 mar. 2020.

SOUSA, Sandra. A reparação da História e os Erros dos seus agentes em O Regresso de Julia Mann a Paraty **Revista Comunicação e Sociedade**, vol. 41, p. 25-42, dez. 2022.

